

Representações semânticas de raça e classe da cultura popular para literatura e para televisão

Viviane Lucy Vilar de Andrade, Universidade Federal de Santa Catarina, Brazil

Resumo: Há um diálogo entre os estudos antropológicos e literários não só porque a literatura está dentro do âmbito da antropologia cultural, mas também porque a literatura de um povo reflete substancialmente os aspectos da sua cultura e sua visão de mundo. Este trabalho investiga as representações de classe, raça e relações raciais em “O Romance d’A Pedra e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”, um romance do autor brasileiro contemporâneo, Ariano Suassuna (1927). Em primeiro lugar, pretende-se demonstrar como a representação de Suassuna da cultura popular reflete classe, raça e relações raciais sociais em uma área particular do Brasil, o Nordeste, tradicionalmente rural. Posteriormente, investigar como a comunicação de massa, especialmente os veículos culturais de televisão e cinema, utiliza a literatura para tentar mudar ou espalhar e perpetuar atitudes racistas e formas de pensamento. Mesmo que estudos modernos tenham mostrado que o conceito de “raça” é uma construção cultural e uma falácia, a literatura e a cultura de massa exploram identidades deliberadas com base em estereótipos recebidos. Os debates linguísticos e culturais de uma cultura e país racialmente híbrido, como o Brasil, não podem deixar de considerar os conceitos de “raça” e “grupos étnicos”, pois o Brasil é um país que herdou as tipologias de classe, cor e preconceito patriarcal e agrário baseadas em colonialismo português (Ribeiro, 1995). Esses debates se refletem na cultura popular de maneiras particulares; são capturados em formas eruditas de cultura, como literatura, e são então apropriados pela mídia e televisão. As obras de Suassuna podem ser vistas como um recurso valioso deste debate, apontando para questões de assimilação ou segregação de raça e / ou poder de classe, e influência, boa ou ruim, tolerância e preconceito. Observa-se o impacto de seu trabalho não só através da literatura, mas também através dos meios de comunicação.

Palavras chave: representações semânticas de raça e classe, literatura, cultura popular, televisão

Abstract: There has been a dialogue between anthropological and literary studies because literature falls within the scope of cultural anthropology. The literature of a people substantially reflects aspects of its culture and its worldview. This research project investigates the representations of race, class and race relations in “O Romance d’A Pedra e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”, a novel by the contemporary Brazilian author, Ariano Suassuna (1927). First, demonstrating how Suassun’s representation of popular culture reflects race, class and social race relations in a particular area of Brazil, the traditional, rural Northeast. Subsequently, investigating how mass communication, particularly the cultural vehicles of television and cinema, uses literature to attempt to change or to spread and perpetuate racist attitudes and forms of thinking. Even though studies in modern anthropology have shown the concept of “race” to be a cultural construction and a fallacy, literature and mass television culture exploit deliberate identities of ‘race’ based on received stereotypes. The linguistic and cultural debates of a culturally and racially hybrid country, such as Brazil, cannot help but consider the concepts of “race” and “ethnic groups”, since Brazil is a country that inherited the typologies of color, class and prejudice from patriarchal and agrarian-based Portuguese colonialism (Ribeiro, 1995). Those debates are reflected in popular culture in particular ways; are captured in learned forms of culture, such as literature; and are then appropriated by media and television, or so-called mass forms of culture. The works of Suassuna can be seen as a valuable resource of this debate, pointing to issues of assimilation or segregation of race and/or class, power and influence, good or bad, tolerance and prejudice. There was observation of the impact of his work not only through literature but also medias.

Keywords: Semantic Representations of Race and Class, Literature, Popular Culture, Television

Introdução

Tendo em vista o diálogo interdisciplinar entre os estudos antropológicos e literários, principalmente porque a literatura de um povo está contida dentro do escopo da Antropologia Cultural e também considerando que a literatura desse povo reflete substancialmente vários de seus aspectos culturais e modos de se enxergar o mundo e os



conceitos ao seu redor, o presente trabalho pretende investigar através do estudo de textos literários de um específico autor contemporâneo de Língua Portuguesa: Ariano Vilar Suassuna, as representações de raça e de relações sociais de raça e de classe desse povo.

Em um primeiro momento, pretende-se observar como a cultura popular apresentada na obra de Suassuna reflete as representações de raça e de relações sociais de raça e de classe no Brasil e, posteriormente, analisar como os meios de comunicação de alcance massivo, a exemplo da televisão, sendo veículo ideológico-culturais, se utilizam da literatura a fim de dirimir ou perpetuar e propagar sentimentos de “racismos”.

A presente pesquisa se faz importante por vários aspectos: o primeiro deles é o fato de que os países de cultura lusófona têm buscado uma identidade comum, visando o reconhecimento da língua portuguesa como língua de expressão econômica e cultural no mundo atual, segundo porque o debate linguístico-cultural de determinada comunidade híbrida, como no caso do Brasil, não deixa de considerar o impasse conceitual entre “raça e etnia”.

Este trabalho também salienta que apesar de as pesquisas e os estudos antropológicos modernos estarem mostrando esforço para que o conceito de “raça”, criado culturalmente, seja entendido como uma falácia, a cultura popular e a literatura de dado grupo apresentam voluntariamente identificações com essa “raça” outrora atribuída arbitrariamente.

A metodologia utilizada será uma pesquisa de caráter qualitativo e interpretativo, uma vez que se observará a obra literária de um autor específico e a divulgação de sua obra não só a partir do texto escrito, mas também através desse mesmo texto apresentado em releitura para a televisão/cinema.

O presente trabalho ainda almeja responder às seguintes perguntas:

- (i) Como a literatura de Ariano Suassuna lida com as representações de raça e de relações sociais de raça e de classe?
- (ii) Como a releitura dessa obra para a tv/cinema engaja-se assumindo o papel de veículo ideológico-cultural?
- (iii) Como a literatura e a releitura para os meios de comunicação de massa podem atuar nessas representações de raça e de relações sociais de raça e de classe a fim de sustentar o ponto de vista antropológico de que “raça” é um construto cultural, ideológico e arbitrário?

A biologia antropológica e o conceito de raça hoje

Como procuramos argumentar, o significado das diferenças raciais, e sua própria essência e existência, estão sendo reconstruídos pelos impactos da genômica. É de indagar se esses novos conhecimentos e tecnologias alteram o panorama de maneira radical ou, pelo contrário, reinstalam e reforçam percepções sobre diferenças raciais de formas até mesmo mais insidiosas e deterministas. Na prática, o que percebemos é que as relações entre conhecimento e tecnologias biológicas e as diferenças raciais podem assumir múltiplas formas a depender do contexto sócio-político no qual se instauram. (Santos e Maio, 2005)

A antropologia biológica moderna e os estudos genômicos têm se esforçado para demonstrar que o conceito de “raça” é uma construção cultural e uma falácia científica disseminada a favor de um uso oportuno do termo, principalmente com o movimento da eugenia no século XIX e do discurso burguês, constituindo-se como e uma ferramenta cultural com potencial biológico enorme.

Lewontin (1972) afirma a não existência biológica de “raça” e que estudos da população moderna mostram que há mais variação entre populações geográficas (85%) que entre populações (15%).

A variação entre as populações humanas também é muito menor que as populações entre os chimpanzés. Não há combinação genética ou de traços fenotípicos consistentes o suficiente para separar os mesmos indivíduos a ponto de se apontarem “raças”. Dessa forma, o conceito de

“raça” é criado culturalmente, e não uma realidade biológica. O próprio Franz Boas havia se referido à “raça” como características fenotípicas¹: “Na linguagem comum, quando falamos de uma raça, queremos falar um grupo de pessoas que têm certas características corporais e talvez características mentais em comum (Boas, 1940, p. 4)”, não hereditárias e/ou genotípicas.

Em relação ao discurso oportuno apontado anteriormente e em relação ao papel cultural e ideológico da criação do conceito, vale ressaltar que um indivíduo é afetado pela história da sua linhagem e pela herança genética que pode originar de uma população característica de um ambiente seletivo. No entanto, a história da linhagem tem muito pouco a ver com a forma que os indivíduos se autodescrevem etnicamente.

Tomemos, por exemplo, o caso da linhagem de sangue do presidente norte-americano Jefferson e o caso relevante da demonstração da mutabilidade de “raça”, a construção cultural e o efeito de Baldwin² em relação aos conceitos de “raça” e de “etnia”. Ao mudar a afiliação racial ou atribuição, o indivíduo está mudando os critérios pelos quais as pessoas o julgam e as percepções que elas usam contra o mesmo.

A cultura popular e a literatura brasileira em Ariano Suassuna (1927)

Na década de 70, preocupado com a vulgarização e com a descaracterização da cultura popular brasileira, Ariano Suassuna funda o *Movimento Armorial*. “Armorial”, em língua portuguesa, significa o conjunto de brasões, bandeiras e insígnias de um povo; é primeiramente um substantivo. Ao concebê-lo como adjetivo, Ariano propõe uma valorização da arte popular nordestina brasileira.

Para entendermos o trabalho de Ariano, não podemos ignorar as raízes e os elementos modernistas do Movimento Armorial³, que vamos encontrar primeiro no Modernismo de Mário de Andrade, principalmente, por sua preocupação com a música e com o folclore; e, depois, no Movimento Regionalista, que francamente valorizou a região Nordeste.

O Modernismo estreitou a distância entre o que é erudito e o que é popular. Ariano Suassuna trabalha com os conceitos de arte popular, nos quais o artista seria aquele autor que, por alguma razão –por exemplo, falta de escolaridade ou de oportunidade– não teve acesso aos padrões de cultura erudita, mas é um artista mesmo assim.

Os textos de Suassuna, ele mesmo formado em direito e filosofia, estão repletos de fragmentos de folhetos de poetas populares; suas peças são construídas a partir desses folhetos. O *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do Vai-e-Volta* mostra bem esse jogo entre o erudito e o popular. Diz Carlos Drummond de Andrade sobre o livro:

Extraordinário romance-memorial-poema-folhetim que Ariano Suassuna acaba de explodir. Ler esse livro em atmosfera de febre, febril ele mesmo, com a fantasmagoria de suas desaventuras, que trazem a Idade Média para o fundo Brasil do Novecentos, suas rabelesiadas, seu dramatismo envolto em riso. Ah, escrever um livro assim deve ser uma graça, mas é preciso merecer a graça da escrita, não é qualquer vida que gera obra desse calibre. (In: Suassuna, A. (2006) *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*.)

O *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* é, segundo as palavras de Quaderna, “terrível história de amor e de culpa; de sangue e de justiça; de sensualidade e violência; de enigma, de morte e disparate; de lutas nas estradas e combates nas Caatingas” (p. 35).

Quaderna, personagem principal, intitula-se “Rei” descendente, em linha masculina e direta, dos legítimos e verdadeiros reis brasileiros, “os Reis castanhos e cabras da Pedra do Reino do Sertão”. Encontrando-se na cadeia da cidade por subversão no início da narrativa, ele rememora

¹ No original: “In common parlance when we speak of a race we mean a group of people that have certain bodily and perhaps mental characteristics in common (Boas, 1940, p. 4)”.

² O Efeito Baldwin se caracteriza pelo fato de, ao alterar um ambiente, pode-se alterar as pressões de seleção voltadas para você e sua família dentro do seu tempo de vida.

³ O Movimento Armorial nasceu em Recife, exatamente no dia 10 de outubro de 1970, através de um concerto da Orquestra Armorial de Câmara e de uma exposição de alguns artistas que apoiavam a ideia de Ariano de criar uma arte que teria como base os movimentos e tradições populares brasileiros.

sua vida, que lhe parece um sonho “cheio de acontecimentos ao mesmo tempo gloriosos e grotescos”. Escreve uma Apelação Judicial e a ela anexa documentos, gravuras, sonetos etc., que considera peças importantes no processo ao qual responde em sua cidade, Taperoá.

Nessa apelação, dirige-se especialmente aos magistrados e soldados, aos quais chama de “raça ilustre” e atribui “o poder de julgar e prender os outros”, e também aos Poetas-escrivães e Acadêmicos-fidalgos (por intermédio da Academia Brasileira – Supremo Tribunal das Letras, da qual faz parte, declarando-se “Cronista-Fidalgo, Rapsodo Acadêmico e Poeta-Escrivão” (p. 47).

Tem como mestres, de um lado, o Doutor, Poeta e Promotor da Comarca Samuel Wandernes, capitão de um Movimento Literário chamado *Tapirismo Ibérico do Nordeste*; e, de outro lado, seu maior rival, o Bacharel Clemente Hará de Ravasco Anvérsio, advogado, Filósofo e Mestre-Escola da Vila, alguém que também possui seu próprio Movimento Literário, o *Oncismo Negro-Tapuia do Brasil*. Quaderna é um acadêmico que teve na sua infância muito contato com os Cantadores Sertanejos e praticou também um pouco da Arte da Cantoria. Auto-nominava-se “um Poeta-escrivão, Acadêmico, ex-seminarista e Astrólogo sertanejo” (p. 47).

Ariano cria um universo simbólico a partir de elementos ibéricos e medievais através do resgate que o Barroco faz da Idade Média, e considera a Heráldica, arte ou ciência de brasões, uma arte popular. Daí a estética da cultura do couro, da cultura do gado, os estandartes, os ferros de marcar, elementos que vêm das cruzadas.

Seu personagem Quaderna apresenta-se como esse criador de uma teoria estética. Ele toma como base o “Oncismo” (p. 50) do Professor Clemente e o movimento literário do Doutor Samuel Wandernes, o “Tapirismo Ibérico do Nordeste” (p. 50), e cria a sua estética de omissão a qualquer referência ao tamanho diminuto e à magreza dos cavalos sertanejos, assim como às pobreza e sujeiras mais aberrantes e evidentes da tropa.

Em suas palavras:

Tendo sido eu discípulo desses homens durante a vida inteira, nota-se à primeira vista que meu estilo é uma fusão feliz do “oncismo” de Clemente com o “tapirismo” de Samuel. É por isso que, contando a chegada do Donzel, parti, oncisticamente, “da realidade raposa e afoscada do Sertão”, com seus animais feios e plebeus, como o Urubu, o Sapo e a Lagartixa, e com os retirantes famintos, sujos, maltrapilhos e desdentados. Mas, por um artifício tapirista de estilo, pelo menos nessa primeira cena da estrada, só lembrei o que, da realidade pobre e oncista do sertão, pudesse combinar com os esmaltes e brasões tapiristas da Heráldica. Cuidei de só falar nas bandeiras, que se usam realmente no Sertão para as procissões e para as Cavalhadas; nos gibões-de-honra, que são as armaduras de couro dos Sertanejos; na Cobra-Coral; na Onça; nos Gaviões; nos Pavões; e em homens que, estando de gibão e montados a cavalo, não são homens sertanejos comuns, mas sim Cavaleiros à altura de uma história bandeirosa e cavalariana como a minha. (Quaderna, p. 50)

Representações semânticas de raça e classe no Brasil

O Brasil é um país dividido em cinco regiões e a Região Nordeste, que abrange nove estados (Bahia, Sergipe, Alagoas, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Maranhão, Ceará e Pernambuco), tem um papel histórico importante na constituição da identidade do povo brasileiro e perfaz o cenário ilustrado por Suassuna em sua obra.

Uma vez que se pretende demonstrar como a representação de Suassuna da cultura popular reflete classe, raça e relações raciais sociais em uma área particular do Brasil, o Nordeste, tradicionalmente rural, faz-se necessário estabelecer brevemente esse contexto histórico e social.

A capitania de Pernambuco viria a ser importantíssima para a história econômica e cultural do país devido ao cultivo de uma mercadoria valiosa: a cana-de-açúcar. Dessa forma, se ergueria em Pernambuco um império econômico que atrairia escravos vindos da África para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar.

Dois conceitos básicos se apresentam na formação do povo brasileiro nesse momento: a casa grande e a senzala⁴ e esses servirão de ponte para que se forje uma sociedade de base patriarcal.

Já nesse momento, percebe-se uma relação de convivência tolerante, a despeito de toda violência que perfaz o regime escravocrata, que será descrita em Freyre (1998) quando este fará a tentativa de desmistificar a crença na qual a miscigenação entre índios, negros e brancos (portugueses) seria um ponto negativo para a formação cultural brasileira. Nessa obra, Freyre ainda exalta o elemento do escravo negro como fundamental para a constituição íntima do brasileiro.

Apesar de muitas críticas, Freyre assumia não ter criado o mito da democracia racial e que nunca havia deixado de apontar que no Brasil havia sim preconceito e discriminação. No entanto, também já defendia que, no Brasil, escravidão também não era sinônimo de segregação e que o espírito fraterno do brasileiro sempre fora maior que questões de raça, classe e religião.

Uma representativa diferença dessa representação semântica brasileira comparada à representação semântica racial dos Estados Unidos da América, por exemplo, é o caso já mencionado na primeira parte deste artigo que tem a ver com o caso do presidente Jefferson e a mobilidade racial. No Brasil, os traços fenotípicos fazem muito mais diferença do que a história da linhagem do indivíduo.

Diante disso, nos posicionamos ao lado de Freyre para quem, mesmo havendo preconceito e discriminação, não há segregação racial no Brasil. “A característica distintiva do racismo brasileiro é que ele não incide sobre a origem racial das pessoas, mas sobre a cor de sua pele (Ribeiro, 1995: 225)”.

As obras de Suassuna podem ser vistas como um recurso valioso deste debate, apontando para questões de assimilação ou segregação de raça e / ou poder de classe, e influência, boa ou ruim, tolerância e preconceito.

O Nordeste brasileiro, apesar de haver saboreado um esplendor econômico devido ao cultivo da cana-de-açúcar, também tem de encarar a dura realidade de ter tido um acirrado desmatamento de sua mata atlântica, o que agravou o problema de ser uma região extremamente seca e árida. Assim, castigada, a região sempre teve de lidar com grande êxodo rural e com o descaso não só por parte de autoridades, mas também por parte de toda a população. Os nordestinos que ficam em suas terras passam a ser estereotipados como ignorantes, desnutridos, abandonados e esquecidos.

Em *A Pedra do Reino*, Suassuna apresenta um Nordeste muito mais discriminado em função de classe social e condição de colonizado do que em função de raça. Haverá um apelo de justiça para os sertanejos, usurpados de sua nobreza e glamour. Um clamor por glória, riqueza e beleza, onde o sonho e o desespero será nada mais nada menos que um reino de fartura com o povo fazendo qualquer coisa, até mesmo a ponto de dar a própria vida para esse fim.

Subjacente à uniformidade cultural brasileira, esconde-se uma profunda distância social, gerada pelo tipo de estratificação que o processo de formação nacional produziu. O antagonismo classista que corresponde a toda estratificação social aqui se exacerba, para opor uma estreitíssima camada privilegiada ao grosso da população, fazendo as distâncias sociais mais intransponíveis que as diferenças raciais. (Ribeiro, 1995: 23)

Suassuna retrata o trauma de um povo que é percebido através da visão colonialista. Para fugir de toda essa realidade injusta, cruel, pobre e feia, ele (Quaderna) precisava ser artista porque a literatura apresentava um reino encantado e perfeito. Ele buscava se tornar um “rapsodo-acadêmico” apesar de ser apenas um poeta popular sem acesso às academias literárias devido à sua precária condição de sertanejo, e se apoiaria em dois mentores para isso: Clemente (comunista e ateu) e Samuel (católico integralista).

É bem marcado na obra de Suassuna o sentimento de inferioridade do sertanejo Quaderna ao reinvidicar que seus mestres sejam homens de títulos importantes: de um lado, o Doutor, Poeta e

⁴ Os termos 1. *casa-grande* e 2. *senzala* se referem à 1. casa do proprietário numa fazenda ou engenho na época colonial e imperial e ao 2. conjunto de alojamentos destinados aos escravos, respectivamente.

Promotor da Comarca Samuel Wandernes, capitão de um Movimento Literário chamado *Tapirismo Ibérico do Nordeste*; e, de outro lado, seu maior rival, o Bacharel Clemente Hará de Ravasco Anvérsio, advogado, Filósofo e Mestre-Escola da Vila, alguém que também possui seu próprio Movimento Literário, o *Oncismo Negro-Tapuia do Brasil*.

Pode-se dizer que é através desta tentativa de Quaderna de aproximar os folhetos de feira nordestinos (literatura de cordel) da literatura clássica medieval portuguesa que se dá a grande revolta do colonizado, percebido como inferior pelo colonizador.

Defende-se neste trabalho a tentativa de Suassuna de criar duas teorias raciais de base literária, a fim de cruzar o debate entre os que possuem a visão colonialista desse povo e os que possuem a visão do colonizado.

Ele apresentará dois movimentos: 1. Movimento Literário Oncismo Negro-Tapuia do Brasil: proposto pelo Professor Clemente, no qual se afirma uma mistura entre os negros vindos da África e os índios Tapuias que habitavam o Nordeste, principalmente a região interiorana da Paraíba e Pernambuco conhecida como “cariri” e 2. Movimento Literário Tapirismo Ibérico do Nordeste. Samuel valorizava a coroa portuguesa, a Casa de Bragança, a cultura e a literatura clássica europeia.

Com esses dois movimentos, Suassuna apresenta a identificação deliberada do povo brasileiro confuso entre as proposições do Professor Clemente, do seu oncismo e da valorização do elemento nativo e negro e do racismo proposto pelo Doutor Samuel, que valorizava a riqueza e os elementos trazidos da Península Ibérica pelos conquistadores fidalgos da Espanha e de Portugal quando esses realizaram uma cruzada épica da conquista.

Percebe-se, dessa forma, que a representação de raça e de classe e a relação entre elas na cultura popular brasileira estão muito arraigadas à noção de acesso à cultura, à literatura, à educação e à inferioridade gerada pelo sentimento de colonizado do que mesmo em relação à etnia. Segundo Darcy Ribeiro (1995), “ao contrário dos povos que aqui se encontraram (...), o enxame de invasores era a presença local avançada de uma vasta e vetusta civilização urbana e classista” (p. 37).

Observa-se o impacto de seu trabalho não só através da literatura, mas também através dos meios de comunicação porque sua obra fora adaptada para a televisão e para o cinema, através da Rede Globo de Televisão⁵, em dois momentos: primeiro a adaptação da peça teatral *O Auto da Compadecida*, em 1999, como minissérie para a televisão e que mais tarde daria origem ao filme, em 2000, e a adaptação do *Romance d’A Pedra do Reino* para a televisão em 2007, também como minissérie.

Os veículos culturais de massa no Brasil: televisão e cinema

Um dos objetivos deste trabalho consiste em investigar como a comunicação de massa, especialmente os veículos culturais de televisão e cinema, utiliza a literatura para tentar mudar ou espalhar e perpetuar atitudes racistas e formas de pensamento.

A Rede Globo de Televisão tem a sua sede no estado do Rio de Janeiro. Desse modo, ao transmitir grande parte da programação televisiva, incluindo noticiários e telenovelas, para todo o território nacional, nutriu-se durante muito tempo a concepção de que tudo que viria da Região Sudeste seria superior ao que era produzido na Região Nordeste.

Some-se a isso a própria língua portuguesa, o que geraria um debate ainda não encerrado de que a variação da língua portuguesa que deveria ser reconhecida como nacional seria a variação do Rio de Janeiro.

Os debates linguísticos e culturais de uma cultura e país racialmente híbrido, como o Brasil, não podem deixar de considerar os conceitos de “raça” e “grupos étnicos”, pois o Brasil é um país que herdou as tipologias de classe, cor e preconceito patriarcal e agrário baseadas em

⁵ A Rede Globo é uma das maiores redes de televisão aberta do Brasil. Fundada em 1965, a Rede Globo é responsável por grande parte da produção de telenovelas brasileiras, sendo considerada a maior produtora de telenovelas do mundo.

colonialismo português (RIBEIRO, 1995). Esses debates se refletem na cultura popular de maneiras particulares; são capturados em formas eruditas de cultura, como literatura, e são então apropriados pela mídia e televisão.

Com este trabalho, percebe-se que mesmo havendo um interesse literário, que reverencie a obra de um dos maiores escritores da literatura brasileira contemporânea, esforço e investimento da Rede Globo de Televisão em fazer a adaptação de duas das obras mais expressivas de Suassuna para a televisão e para o cinema, ainda assim a imagem do nordestino sertanejo e do negro permanece estereotipada em vários aspectos.

Considerações Finais

Um dos questionamentos deste trabalho foi como a literatura de Ariano Suassuna lida com as representações de raça e de relações sociais de raça e de classe. Para essa pergunta, vimos que esses debates se refletem na cultura popular de maneiras particulares; são capturados em formas eruditas de cultura, como literatura, e são então apropriados pela mídia e televisão.

As obras de Suassuna podem ser vistas como um recurso valioso deste debate, apontando para questões de assimilação ou segregação de raça e / ou poder de classe, e influência, boa ou ruim, tolerância e preconceito.

Outro questionamento estava ligado ao modo como a releitura dessa obra para a tv/cinema engaja-se assumindo o papel de veículo ideológico-cultural e assim observamos que mesmo que estudos modernos tenham mostrado que o conceito de "raça" é uma construção cultural e uma falácia, a literatura e a cultura de massa exploram identidades deliberadas com base em estereótipos recebidos.

A última pergunta proposta pelo presente trabalho se ocuparia em investigar como a literatura e a releitura para os meios de comunicação de massa podem atuar nessas representações de raça e de relações sociais de raça e de classe a fim de sustentar o ponto de vista antropológico de que "raça" é um construto cultural, ideológico e arbitrário. Para essa questão, chega-se à conclusão que as obras literárias, representativas da cultura popular brasileira, quando adaptadas para a televisão e para o cinema, ainda mostram a imagem do nordestino sertanejo e do negro como estereotipada. As personagens nordestinas são sempre carregadas de estereótipos linguísticos e comportamentais.

REFERÊNCIAS

- Andrade, Carlos Drummond de (2006). In: Suassuna, A. *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. 8ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Boas, Franz (1940). *Race, Language and Culture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Freyre, G. (1998). *Casa-Grande & Senzala*. 34ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Lewontin, R. C. (1972). "The apportionment of human diversity". *Evolutionary Biology*, 6, 391-398.
- Ribeiro, Darcy (1995). *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santos, R. V. e M. C. Maio (2005). "Antropologia, raça e os dilemas das identidades na era da genômica. História, Ciências". *Saúde-Manguinhos*, 12(2). Rio de Janeiro. May/August.
- Stanford, C., J. S. Allen, S. C. Antón (2009). *Biological Anthropology: The Natural History of Humankind*. 2nd Ed. Prentice Hall/Pearson.
- Suassuna, A. (2005). *Auto da Compadecida*. São Paulo: Agir.
- (2006). *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. 8ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Vilar De Andrade, V. L. e H. F. Martins (Orientadora) (2008). *Sobre a identidade da metáfora literária: Uma análise do romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Rio de Janeiro. 85p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SOBRE O AUTOR

Viviane Lucy Vilar de Andrade: Doutoranda em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, os mentores: Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura e Dr. Mailce Borges Mota. Co-mentores na Universidade de Minnesota: Dr. Ana Paula Ferreira (Chair, Departamento do Estudos Espanhóis e portugueses) e David Lipset (Departamento de Antropologia). Mestrado em Letras da PUC-Rio, mentor: Helena Franco Martins. BA em português e inglês Línguas e Literaturas.